

NAS PÁGINAS DO HOJE

O DIÁRIO PAULISTA DO PCB E SUA VOCAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA¹

Pedro Estevam da Rocha Pomar

O Partido Comunista do Brasil (então PCB), surgido em 1922, foi a primeira grande experiência, de âmbito nacional, de organização e participação político-partidária das classes trabalhadoras em nosso país. Reflexo das memoráveis lutas sociais do final do século XIX e início do século XX (como a greve geral de 1917 conduzida por lideranças anarquistas), bem como do impacto provocado pela Revolução Russa de 1917, o PCB demorou duas décadas para começar a firmar-se como organização de prestígio, dotada de influência real entre setores do operariado e das classes populares e de força para disputar eleições proporcionais. O jornal diário *Hoje*, lançado em São Paulo pelos comunistas ao final da Segunda Guerra Mundial, é produto e testemunha dos momentos de ápice dessa trajetória.

O fracasso da rebelião de novembro de 1935, liderada pelo PCB, forneceu pretextos para o endurecimento da “revolução burguesa” ocorrida em 1930 e capitaneada por Getúlio Vargas. Ao longo de uma década, permaneceriam encarceradas as principais lideranças comunistas, entre elas Luís Carlos Prestes, que os êxitos militares da Coluna Prestes-Miguel Costa (1925-1927) tornaram uma celebridade e uma referência da luta contra as injustiças sociais e por liberdades políticas. O regime evoluiu para um “autogolpe” em 1937, do qual resultou o Estado Novo, de traços fascistas.

No início da década de 1940, tem início o processo de reorganização do PCB, que na sua Conferência da Mantiqueira (1942) lança a palavra de ordem “União nacional com Vargas, contra o nazifascismo”. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ao lado dos aliados e contra o Eixo, cria condições para o progressivo dismantelamento do Estado Novo; a anistia, que devolverá a liberdade aos presos políticos em abril de 1945; e o reconhecimento diplomático, pelo Brasil, da União Soviética.

Em abril de 1945, o PCB é legalizado, torna-se rapidamente um *partido de massas* – graças, em larga medida, ao prestígio de Prestes – e habilita-se a disputar eleições proporcionais e majoritárias. Tais circunstâncias o empurram para uma decisão notável: a de construir um aparato próprio de meios de comunicação. Seus primeiros jornais diários são lançados: em maio, no Rio de Janeiro, a *Tribuna Popular*; em outubro, em São Paulo, o *Hoje*. Em Salvador, o semanário comunista *O Momento* fora lançado já em março, por iniciativa da direção estadual do PCB³, e em 1946 passaria também a ser diário.

Portanto, *Tribuna Popular*, *Hoje* e *O Momento* (então semanário) passaram a circular ainda na fase final do Estado Novo e estavam em plena atividade quando Vargas foi deposto, em 29 de outubro de 1945, pelos generais Eurico Gaspar Dutra e Góes Monteiro, apoiados pelos Estados Unidos e por forças conservadoras como a União Democrática Nacional (UDN).

Além dos jornais e de outras publicações periódicas, o partido criou uma agência de notícias, a Interpress; editoras de livros; e uma companhia cinematográfica de vida efêmera conseguiu lançar um filme sobre o partido, cujo roteiro foi confiado a Astrojildo Pereira. *Tribuna Popular* e *Hoje* tiravam inicialmente 50 mil e 20 mil exemplares, respectivamente, o que chegou a colocá-los em pé de igualdade, por algum tempo, com parte dos concorrentes comerciais⁴.

As principais características do aparato de comunicação do PCB já foram assim sumariadas:

- a) reconhecimento, pelo partido, do seu *caráter estratégico*, o que implicou envolvimento, direto ou indireto, do conjunto da militância, da direção às bases;
- b) criação de sociedades comerciais para a produção de jornais legais,

sem vínculo formal com o partido; c) descentralização: jornais em diversas capitais, na contramão da tese do “periódico central”, defendida por Lênin na Rússia pré-revolucionária; d) financiamento baseado em variadas fontes: venda em bancas, assinaturas, venda regular de espaço publicitário, mas principalmente campanhas nacionais de arrecadação, as quais permitiram a compra das máquinas de impressão; e) arregimentação de intelectuais e quadros profissionais ligados ao partido – jornalistas, gráficos e outros.⁵

Foi unicamente graças a um vasto apoio social na capital e no interior que *Hoje* pôde ser lançado e mantido pelos comunistas por vários anos. O jornal circulou – com interrupções que somaram mais de um ano – entre outubro de 1945 e agosto de 1952, num total de 1.284 edições conhecidas, ao passo que de seu sucessor, *Notícias de Hoje*, que circulou entre 1952 e 1959, foram publicadas 2.144 edições. Ainda que modestos quando comparados às cifras dos jornais comerciais, os números do *Hoje* atestam o gigantismo da empreitada levada adiante pelo PCB desde o final do Estado Novo, sempre sob implacável repressão.

Assim como *Hoje*, os demais jornais diários do PCB, criados em diversas capitais⁶, foram duramente combatidos pelo governo Dutra (1946-1951) e pelos governos estaduais. Em maio de 1947, o PCB foi novamente colocado na ilegalidade e as condições de sobrevivência de seus diários tornaram-se árduas. A repressão da polícia política e do Exército traduziu-se “por apreensão de inúmeras edições, proibições frequentes, invasão e destruição de redações e oficinas, prisões de jornalistas e gráficos, processos, espancamentos”⁷.

Os leigos em assuntos de jornalismo possuem escassa noção da quantidade de trabalho cristalizada numa simples folha impressa de jornal ou revista. Atuando em condições muito precárias, mantidas por um enorme esforço de sustentação financeira, as mal remuneradas, reduzidas, porém entusiasmadas equipes dos diários comunistas não raramente defrontavam-se com a supressão pura e simples do produto de suas jornadas de trabalho, ao bel prazer dos órgãos de repressão. Documentos da polícia política, como os relatórios transcritos a seguir, de julho de 1946, descrevem como era simples apreender edições inteiras: as autoridades davam a ordem, de madrugada, e os agentes saíam para cumprir sua missão, sem maiores embaraços:

Às 5,20 minutos de hoje, recebi determinação do sr. Dr. Delegado de Segurança Social no sentido de apreender a edição do jornal matutino *Tribuna Popular* nas bancas onde fossem exemplares do mesmo encontrados. Neste sentido, foram expedidas três turmas de funcionários desta DPS com a missão de efetivar a ordem, respectivamente, nas zonas do Centro, Norte e Sul. [...] Estas

turmas regressaram às 16,30 horas, tendo alcançado plenamente o objetivo, deixando as “bancas” da cidade sem qualquer exemplar do referido matutino.

O relatório informava ainda que o “indivíduo Jorge Ramos de Jesus” (provavelmente um jornalista, ou um popular) foi detido no transcurso da diligência, “por se haver oposto à ação dos policiais encarregados da apreensão”⁸. Outro desses registros sugere a satisfação com que os policiais realizavam esse tipo de tarefa:

Às 5 horas recebi uma comunicação telefônica do dr. Fredgard Martins, em que o mesmo me autorizava fosse efetuada a apreensão dos exemplares do jornal *Tribuna Popular*. Imediatamente, designei duas turmas de funcionários desta Divisão, a fim de dar cumprimento à missão, o que resultou em proveitosa colheita, tendo sido apreendidos mais ou menos 18.000 exemplares daquele matutino, tendo a acrescentar, entretanto, que cerca de 11.000 exemplares foram por mim pessoalmente apreendidos na redação onde é impresso aquele jornal, e o restante foi apreendido pelos componentes daquelas turmas nos diferentes pontos de venda desta capital⁹.

No caso do *Hoje*, dois episódios, entre vários, são dignos de nota por sua gravidade. A primeira invasão cometida pela polícia política, na noite de 2 para 3 de janeiro de 1948, deveu-se à tentativa de apreensão da edição comemorativa do quinquagésimo aniversário de Prestes, cuja circulação o secretário de Segurança Pública do governo Adhemar de Barros (que fora eleito um ano antes com decisivo apoio dos comunistas), coronel Nelson de Aquino, não estava disposto a permitir. Mas, na ocasião, o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) deparou-se com a resistência da equipe do jornal.

Elias Chaves Neto¹⁰ relata nas suas memórias que:

A polícia, alegando que do interior da oficina havia sido feito fogo contra ela, desfechou o seu ataque atirando contra a porta, que suas balas vararam, e jogando bombas de gás lacrimogêneo pela janela do sobrado. Com intervenção dos deputados estaduais comunistas Mário Schenberg e Caio Prado Júnior, que acorreram, o ataque foi sustado entregando-se o pessoal da oficina que foi preso.

Foram presos Joaquim Câmara Ferreira, diretor do jornal, Noé Gertel, secretário, Estocel de Moraes, deputado estadual, Francisco Manoel Chaves, dirigente nacional do PCB, gráficos como José Jofre Farias e muitas outras pessoas, num total de 40. Ferreira, Gertel e Estocel só foram libertados dois

meses depois. Em dezembro de 1950, os três seriam condenados à pena de um ano de detenção por sua participação no episódio¹¹.

Em 7 de janeiro de 1952, portanto, já no segundo governo Vargas, foi a vez de o Exército invadir a redação e as oficinas do *Hoje*, reagindo à publicação de um documento sigiloso sobre a possível participação do Brasil na Guerra da Coreia. Comandada pelo tenente-coronel Diderot Ayres de Miranda, da 2ª Região Militar, com auxílio do Dops, a operação deteve “17 empregados ou colaboradores, os quais horas depois foram soltos, restando presos os mais categorizados”¹², a saber: Djales Rabelo, Francisco de Paula Campos de Oliveira, Jaime Gonçalves, Oswaldo Rodrigues Gomes, Paulo Nunes Batista, Raul Azedo Neto, Vitório Martorelli – e Chaves Neto, que só conseguiu recobrar a liberdade depois de quase um ano.

O repórter Jacob Feldman, que iniciou no *Hoje* sua carreira de jornalista profissional, definiu o jornal como “a menina dos olhos do partido”, e sua redação “um reduto” por onde todos passavam: a militância, os amigos do partido, os intelectuais. “A gente era visto, modéstia à parte eu me incluo nesse grupo, como uma espécie de herói pela militância. Por quê? Porque a gente dava a cara para bater. Cada saída para uma reportagem era sempre o risco de ser abordado pela polícia, levar umas borrachadas”¹³. No episódio de janeiro de 1952, Feldman tinha apenas 18 anos e passou três dias na cadeia. Chaves Neto, ao descrever a “luta pela circulação do *Hoje*” frente às proibições, apreensões e violências policiais outras, assim expressou o sentimento de tensão e apreensão dos jornalistas: “Ao sair-se da gráfica, nunca se sabia, antes de se chegar ao alto da Rua Conde Sarzedas se algo aconteceria”¹⁴.

“Os historiadores tratam em geral a palavra impressa como um registro do que aconteceu, e não como um ingrediente dos acontecimentos. Mas a prensa tipográfica ajudou a dar forma aos eventos que registrava”, afirma Robert Darnton¹⁵. O comentário, embora dedicado especialmente à Revolução Francesa de 1789 “quando a luta pelo poder foi uma luta pelo domínio da opinião pública”, aplica-se na medida certa ao *Hoje* e aos seus congêneres, como veremos a seguir.

Aparelhos privados de hegemonia

Nos termos da teoria de Antonio Gramsci do “Estado ampliado”, defendemos as hipóteses de que: a) os jornais diários do PCB atuaram como “aparelhos privados de hegemonia” (APH) portadores de sentido contra-hegemônico, e de que b) em conexão com outros APHs – como os sindicatos ligados aos comunistas e o próprio PCB – contribuíram para que, num dado período e dentro de determinados limites, *fosse rompido ou abalado o consenso*

estabelecido pelas classes sociais em posição de mando na sociedade brasileira, no tocante a temas ligados ao mundo do trabalho: capital *versus* trabalho, direitos dos trabalhadores, trabalhadores e política, patrões *versus* sindicatos etc. Os APHs são “os organismos de participação política aos quais se adere voluntariamente (e, por isso, são ‘privados’) e que não se caracterizam pelo uso da repressão”¹⁶.

Identificamos duas “frentes” em que *Hoje* concretizou a sua vocação contra-hegemônica: a “frente político-eleitoral”, ou seja, as eleições de dezembro de 1945 e janeiro de 1947, nas quais o jornal atuou como instrumento de ostensiva propaganda dos candidatos do PCB; a “frente cultural”, que seria a construção de uma identidade cultural e ideológica na qual a classe trabalhadora viria a reconhecer-se como sujeito independente na sociedade (“classe para si”). Vejamos como isso se deu na prática.

Contra-hegemonia na frente político-eleitoral

Nas eleições de 1945 e 1947, os comunistas utilizaram decididamente o *Hoje* como instrumento de campanha, sem disfarces. O jornal atirou-se na campanha, modificando as suas páginas, eliminando seções habituais, abrindo espaço para fotografias dos seus candidatos e para enormes peças de propaganda, além de tomar outras decisões editoriais cuja finalidade era incidir diretamente no processo eleitoral. Era o reconhecimento de que se trava então de batalhas de grande importância para o partido, contra adversários poderosos e que não raro dispunham de apoio na imprensa tradicional. Os comunistas não poderiam ter agido de outra forma, pois queriam disputar para ganhar e sabiam que os jornais comerciais de grande tiragem não franqueariam suas páginas *àqueles* candidatos.

Na edição de 17 de novembro de 1945, o jornal traz a novidade, em manchete na capa em letras garrafais: “Yedo Fiuza, candidato do povo/Seu nome será lançado hoje no grande comício do Anhangabaú”. O partido decidira disputar a eleição para a presidência da República com candidato próprio. De perfil apagado e expressão apenas regional, pois havia sido prefeito de Petrópolis, Fiuza foi ungido pessoalmente por Prestes. Faltando só algumas semanas para a eleição, seria preciso difundir massivamente e com rapidez o nome e a biografia do candidato.

Nessa mesma edição, cinco dos sete textos da capa são dedicados à candidatura: o anúncio feito por Prestes aos jornalistas; uma entrevista que Fiuza concedeu na véspera; seu perfil biográfico; a convocatória do “comício monstro” do Anhangabaú; comunicado aos comitês democráticos populares a propósito do comício. A imagem do candidato materializa-se em uma foto-

grafia – colocada, porém, do lado esquerdo da página, encimando seu perfil, e não, como seria de se esperar, na porção superior direita da página, onde ilustraria a matéria principal: ali foi situada uma fotografia de Prestes, de quem se diz que “anunciou pessoalmente aos jornalistas a escolha do candidato das forças democráticas”:

Infelizmente [...] o prazo de registro de candidatos foi muito curto, de modo que, com outras correntes democráticas, o PCB escolheu um grande administrador, democrata verdadeiro, homem que não teme fantasmas e cujo programa será a sua luta consequente pela extirpação definitiva dos remanescentes fascistas em nossa terra. O candidato do povo não é um comunista, é um elemento saído da classe dominante, mas é um sincero democrata e inspira confiança ao proletariado e ao povo¹⁷.

Na edição de 25 de novembro de 1945, relata-se a “excursão triunfal” realizada por Prestes em dois dias no interior paulista, enquanto Fiuza fazia campanha no Rio Grande do Sul: “Com Prestes pela candidatura civil de Jundiá a Bauru levanta-se o povo”. A reportagem é assinada por Jorge Amado, então candidato a deputado federal. O terço inferior da capa é tomado por fotografias que parecem atestar as afirmações da reportagem sobre a afluência aos comícios realizados em Jundiá e Bauru. Na mesma edição, publica-se com destaque e fotografias a matéria intitulada “Yedo Fiuza é um verdadeiro amigo dos trabalhadores”, sobre as reminiscências de “um velho operário que trabalhou com o ilustre engenheiro em Mato Grosso há mais de 25 anos”¹⁸.

Na quarta capa, publica-se reportagem sobre a “campanha de finanças pró-candidatura Yedo Fiuza”, em que mais uma vez se recorre à surrada ideia do “apertar os cintos”, desta vez para convidar o leitor a contribuir com o esforço financeiro eleitoral. Fotografias mostram dinheiro e objetos doados¹⁹. Também nesta edição, constata-se a substituição do dístico da página 3, “Solução pacífica dos problemas políticos”, por “Tudo pelo candidato do povo”, que resume de certo modo o espírito que animava então o *Hoje*. No dia 28 de novembro, o jornal reserva uma página inteira para a publicação de fotografias dos candidatos do PCB²⁰.

Em janeiro de 1947, o jornal lançou-se inteiramente na campanha para as eleições de deputados estaduais, deputados federais e governador. Além de projetar os candidatos comunistas, pediu votos para Adhemar de Barros, candidato a governador pelo Partido Social Progressista (PSP), que o PCB decidiu apoiar. O jornal recorreu fartamente à utilização de fotografias: de comícios, de visitas, de caravanas, e até de comandantes militares, cujas declarações

eram publicadas. Inovou ao publicar, ao longo de uma semana, uma espécie de *história em quadrinhos* em que critica o coronelismo eleitoral. As páginas de cultura e esportes desapareceram; o noticiário internacional diminuiu; o jornal parecia mais desorganizado, até o seu expediente descaracterizou-se, mas tudo indica que foi eficaz na batalha eleitoral.

Uma das maiores preocupações do *Hoje*, nas eleições de 1947, foi justificar a aliança com Adhemar, que anunciou no dia 6 de janeiro²¹. Já no dia seguinte, diante das acusações de que fora realizado um acordo escuso entre o ex-interventor do Estado Novo e os comunistas, o jornal publica o texto intitulado “O Partido Comunista não faz conchavos”, e reproduz uma carta de Adhemar na qual este afirma que o PCB “patrioticamente nada de nós exigiu além da promessa formal de defesa da Constituição e dos interesses do povo”²². Nesta mesma edição, são publicadas, na capa, grandes fotografias de Adhemar (“o candidato do povo”), de Cândido Portinari, candidato ao Senado pelo PCB, e Pedro Pomar, que concorreu a deputado federal pela legenda do PSP (chamados de “homens do povo, candidatos do povo”)²³. Por vários dias, até a eleição, o jornal continuará publicando grandes fotografias e ilustrações que retratam o candidato do PSP. “Adhemar é o povo no governo”, diz um desses anúncios, em letras garrafais²⁴. No dia 15, um anúncio de página inteira convoca um comício que será realizado no mesmo dia no Anhangabaú: “Vá ouvir Adhemar de Barros, o candidato que não faz ‘cambalachos’ e só tem compromissos com o povo”²⁵. No dia 16, *Hoje* festeja o sucesso do comício: “Mais de meio milhão no comício ‘União para a Democracia’”:

O Vale do Povo foi pequeno para conter a grande massa humana comprimida para ouvir Adhemar de Barros e Luis Carlos Prestes – Falam representantes do Comitê Estadual do PC, do Partido Democrata Cristão e do Partido Social Progressista²⁶.

A estética ousada do *Hoje*, baseada em imagens fortes e vibrantes – as fotografias de multidões, os títulos exagerados e gritantes, os desenhos a bico de pena de líderes populares, como o Prestes de bombachas na edição que comemorou seu aniversário, em 3 de janeiro, com enormes letras vermelhas²⁷ – certamente tem seu quinhão de participação nas conquistas eleitorais do PCB. Esses recursos visuais não eram estranhos aos outros jornais: a diferença é que os comunistas usavam-nos para amplificar sua própria movimentação política. Ademais, tratava-se de recursos formais adequados à vocação contra-hegemônica do jornal, expressa nos seus textos contundentes. É de supor-se, além disso, que as tiragens tenham sido aumentadas nesse período, contando com provável contribuição financeira de Adhemar.

No dia 17, a manchete apela à emoção, em corpo 120: “Brasileiros! Dentro de poucas horas mais uma vitória do povo/Mais uma vitória da democracia/Votem na Chapa Popular”²⁸. No dia 18, véspera da eleição, a capa do jornal é inteiramente tomada pelo apelo ao voto na Chapa Popular. Todo o espaço foi ocupado por uma montagem que combinou ilustração, fotografia e o título, *desenhado à mão*, “São Paulo nas urnas com Prestes e Adhemar unidos para o progresso e a democracia”²⁹.

“A História de ‘seu’ Belarmino... que agora sabe em quem vai votar”, que começa a ser publicada por *Hoje* no dia 8 de janeiro, é uma tentativa de chegar aos eleitores rurais, “uma história contada pelos trabalhadores do campo para os trabalhadores do campo”, segundo a explicação do próprio jornal. “A vida, a existência do camponês e sua família vai sendo contada, em versos caipiras, tipicamente paulistas”³⁰:

Eis aqui seu Belarmino
E a família qu’ele tem
Na miséria qu’ele vive
Vivem muitos também

Belarmino é bom caboclo
Mas não sei por que será
Quase morre de trabalho
Não consegue melhorá

A muié tem a maleita
E as crianças amarelão
Também ele vive doente
Mas não deita de opinião

Como é triste quem é pobre
Neste mundo não tem gozo
Inda muita gente fala
Que o caboclo é preguiçoso

Mas ninguém se lembra dele
Nem procura lhe ajudá
Só no tempo de eleição
É que vão lhe cortejá

Faiz promessa o coroné
Isto tudo vai mudá

Se eu chegá a deputado
Por voceis vou trabalhá³¹

O final, previsível, é antecipado pelo próprio *Hoje*: Belarmino “sabe para onde vai, o que quer e em quem vai votar: em Adhemar de Barros e nos candidatos da Chapa Popular”³². Outro uso da ilustração neste período é uma série de charges que o jornal publica sobre Vargas, intitulada “Ele disse... Ele fez”.

Após as eleições, em 19 de janeiro, *Hoje* continuará a tratar delas com títulos vigorosos, seja acompanhando a lenta apuração dos resultados, seja comentando suas repercussões. Dia 20, comemora em letras garrafais (corpo 140): “Isto é democracia/Derrotada a reação”; no dia 21, “Adhemar está vencendo”; no dia 22, “Vence a democracia em todo o país”, quando comenta que “os últimos resultados, nos diversos estados, garantem a vitória dos candidatos democráticos, apoiados pelo Partido Comunista do Brasil”. Na quarta capa, festeja a vitória de Adhemar e do PCB: “Nunca se votou tão certo como desta vez”³³.

Contra-hegemonia na frente cultural

Se *Hoje* conquistou alguns sucessos importantes como APH na frente político-eleitoral, não menos dignos de nota são seus êxitos na construção de um “lugar social” em que a classe trabalhadora pudesse reconhecer-se e enxergar-se como sujeito independente. Isso parece contraditório: afinal de contas, o jornal engajou-se na concepção de “união nacional” propugnada pela direção partidária, que forçosamente eclipsava as reivindicações dos trabalhadores e suas perspectivas de emancipação. Mas a verdade é que nem essa concepção prevaleceu monoliticamente nem poderia represar todos os anseios e energias do movimento operário em ebulição.

Em 1946, o jornal torna-se mais interessante do ponto de vista dos conteúdos publicados, certamente em razão das mudanças que se operavam na conjuntura nacional, bem como na própria linha do PCB, que introduziu mediações no modo de ver as greves. Os dísticos desaparecem do alto das páginas, bem como as colunas assinadas, ao passo que ganham espaço as reportagens. Os temas maiores: as condições de vida da população, as condições de trabalho nas fábricas, a luta de classes real e concreta. *Hoje* noticia, por exemplo, que a “Constituição é letra morta na E. F. Noroeste do Brasil”, onde as leis trabalhistas são desrespeitadas e os operários, que trabalham 30 dias, “recebem vinte e cinco”. A matéria, redigida pelo “correspondente em Bauru”, é visivelmente editorializada, mas traz alguns dados sobre a situação dos ferroviários considerados extranumerários, como os maquinis-

tas, que “mouream anos a fio não passando do mísero salário de seiscentos cruzeiros”³⁴.

“A Delegacia de Ordem Política e Social não respeita a Constituição da República/Processadas pelo policial Cataldi Júnior três operárias do Moinho Santista”³⁵, “Entraram em greve 700 tecelões de Guaratinguetá”, “Movimentam-se os trabalhadores de São Paulo pela libertação dos líderes da Sorocabana” são manchetes de outubro³⁶. O *enquadramento engajado* tinha um mérito, o de conceder legitimidade a um mundo que era subrepresentado, distorcido ou inexistente nas páginas dos concorrentes: o mundo do trabalho. Com ele, também ganha destaque o mundo da pobreza: “15 famílias vão ser despejadas da Travessa dos Estudantes”³⁷, “Falta de pão e excesso de choro para comemorar a Semana da Criança”³⁸.

O jornal destacava aspectos da dinâmica sindical que dificilmente seriam divulgados fora das suas páginas. Assim foi com a destituição, por uma assembleia, da junta governativa do Sindicato dos Tecelões de Sorocaba, “imposta há dois anos pelo Ministério do Trabalho”; e com a conseqüente reação do governo, que usou a polícia para ocupar a sede do sindicato³⁹. Assim foi também com a decisão dos operários da Goodyear de paralisar suas atividades antes do fim da jornada, com a finalidade de participar, “em massa” (como prova a fotografia publicada), de uma assembleia convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Artefatos de Borracha, o que foi “prova eloquente de consciência de classe e profundo espírito sindicalista”. O principal objetivo da assembleia (realizada no salão do Sindicato dos Músicos) foi a luta pelo descanso semanal remunerado, previsto no artigo 157, § 6 da Constituição Federal⁴⁰.

Aspecto importante é a linguagem adotada por *Hoje* em algumas matérias, próxima da coloquialidade popular e até do sensacionalismo. Na manchete da edição de 1º de outubro de 1946, “Os tubarões são donos de poderosa rede que envolve o comércio desta capital”, o jornal investe contra as indústrias Matarazzo e outros monopólios:

Queixa contra o Matarazzo não adianta nada. Aliás, não só contra Matarazzo, mas também contra a “Swift”, a “Wilson” e outras. Antes do óleo comestível ser racionado, estas firmas só entregavam o produto quando o comprador adquirisse outras mercadorias, sendo que grande parte delas ficavam encaalhadas. Já foi dito na Comissão de Preços que não pode ser elevado o preço do sabão, mas, apesar disso, somente a Companhia Gessy, num prazo de cinquenta dias, aumentou o preço do sabão Minerva de trinta cruzeiros e trinta centavos para trinta e seis, trinta e oito, quarenta e três cruzeiros e cinquenta centavos e agora quarenta e oito cruzeiros e cinquenta centavos⁴¹.

Reportagem sobre a pobreza numa favela da capital, em que foram ouvidas várias famílias pobres, recebeu o título “Falta de pão e excesso de choro para comemorar a Semana da Criança”:

Iniciou-se ontem a “Semana da Criança”, com sessões solenes e inaugurações de diversos postos de puericultura no interior. Mas a semana da criança existe somente para aquelas que têm a ventura de frequentar as poucas escolas existentes e para aquelas que têm a felicidade de morar perto de um posto de puericultura, ainda que insuficientemente aparelhado. Para milhares de crianças esfarrapadas e sujas, disseminadas pelos bairros pobres, não há uma “Semana da Criança”. Para eles há a fome, os vermes roendo seus intestinos e a inquietude do dia de amanhã [...].

“Louvado seja Deus, o Partido Comunista já tem vida legal” é o título de uma reportagem sobre o problema habitacional na capital paulista, que cita as favelas da Avenida do Estado, a “tragédia dos retirantes do Nordeste” e o “prestígio de Prestes e seu partido”. Tipos populares são ouvidos pelo repórter, entre eles Maria do Rosário, que “já foi cozinheira, costureira e agora vende amendoim”, e nas “horas vagas é pedreira”. A reportagem reproduz uma frase atribuída a Maria do Rosário e que é puxada para o título: “Louvado seja Deus, o Partido Comunista já tem vida legal e não é sem tempo”.

Em agosto de 1947, *Hoje* resume de forma contundente, em manchete da quarta capa, o episódio que ficaria conhecido como “quebra-quebra da CMTC”: “Explosão popular”, seguida da explicação concisa: “A revolta do povo contra o aumento das passagens levou-o a depredar e incendiar dezenas de ônibus da CMTC”⁴². Outros títulos revelam, igualmente, uma sintaxe bastante direta e eficiente: “A base de Val de Cães continua ocupada por soldados do imperialismo norte-americano”⁴³, “Em pleno século XX ainda são tratados como escravos”, sobre como a Tinturaria Brasileira de Tecidos se relaciona com os operários, “O Comitê Democrático da Casa Verde ganhou o ‘Prêmio Nobel’ da popularidade”, sobre o “exemplo vivo de um organismo que sabe se aproximar do povo lutando pelas suas causas mais sentidas”⁴⁴.

Qualquer que seja o juízo que se faça do tratamento dado à matéria seguinte, deve-se reconhecer que dificilmente tal história seria publicada nos grandes jornais paulistas da época: “Onze famílias de camponeses são espoliadas em São João da Boa Vista”. “A história de sempre”, dizia o subtítulo: “camponeses roubados por fazendeiros exploradores”, “Trabalharam a meias e não receberam um níquel sequer”. “Depois de bater em todas as portas, dirigiram-se para a sede do comitê municipal do Partido Comunista do Brasil,

de São João da Boa Vista”. Três dos lavradores estiveram na redação do jornal, onde narraram o ocorrido e foram fotografados. A reportagem conta a história em detalhes⁴⁵.

Certas matérias publicadas no período assumem contornos pioneiros. É o caso de um texto que denuncia a discriminação racial, assim intitulado: “Um brasileiro pode entrar em qualquer restaurante, barbeiro, estabelecimento de ensino independentemente de sua raça ou cor”. Seu fio condutor é a revelação da censura, praticada por um “matutino” (de nome não revelado), de uma reportagem que tornaria pública a existência de discriminação num colégio particular. Vale a pena transcrevê-lo parcialmente:

Naquele colégio católico – colégio “granfino” e muito conhecido nesta capital – há uma negrinha entre as alunas loiras, ruivas e morenas. Na hora do banho na piscina, todas as crianças mergulham na água e brincam risonhamente; só a negrinha fica de fora, vestida de maiô, mas sem tocar o líquido, nem sequer com a ponta dos dedos. Certa vez, o pai da menina perguntou à direção do colégio qual era a razão daquilo e uma freira lhe disse muito reservadamente: – “Os pais das meninas brancas não querem que a negrinha tome banho na mesma água em que as filhas deles nadam”.

Um repórter que sabia desse caso escreveu uma reportagem sobre o assunto. A reportagem estava cheia de dados, com tudo anotado muito bem, mas o diretor do jornal achou que não ficava bem aquilo sair nas colunas do matutino conservador e “sério”. Achou que as fotografias de jovens morenas passeando pela rua Direita não “cabiam” naquele jornal. Apesar de afirmar o contrário, aquele diretor de jornal guardava muitos preconceitos de raça e de cor.⁴⁶

O texto prossegue explorando as diferenças entre a imprensa popular – são citados o próprio *Hoje*, a *Tribuna Popular*, *O Momento*, a *Tribuna Gaúcha* – e a “imprensa sadia”, no tocante ao modo como são tratados os negros, inclusive deputados e sindicalistas. Acompanha a matéria uma fotografia de três jovens negras, com a seguinte legenda: “No popular passeio domingueiro da rua Direita”. Um dos argumentos utilizados para contrastar a forma de tratamento é o de que “o *Hoje* publica diariamente fotografias de negros de valor [sic], que ocupam lugar de destaque nos mais diversos setores das atividades humanas”⁴⁷.

O jornal publicou também, em setembro e outubro, reportagens sobre a expropriação de terras sofrida pelos índios guaranis de um aldeamento do litoral. Três índios estiveram na sucursal de Santos para fazer a denúncia, como atesta fotografia publicada. Eles enfrentavam “tristes condições”, “ameaçados por uma malta de desumanos latifundiários de perderem as terras que lhes foram doadas pelo patrimônio nacional”. Os invasores brancos dispunham de

“bandoleiros armados” e contavam com “proteção escandalosa dos funcionários do Serviço de Terras e Colonização de São Vicente”⁴⁸.

Classe, Partido e Jornal

Como visto antes, na fase final do Estado Novo – especialmente após 1943, quando se reorganizou – o PCB adotou uma linha política que, embora controversa, garantiu-lhe paulatino crescimento entre as massas populares: a “união nacional contra o nazifascismo”, que pressupunha o apoio ao governo Vargas na guerra contra os países do Eixo. Foi essa linha política, aliada ao enorme prestígio da União Soviética ao final do conflito mundial, que permitiu aos comunistas passarem da clandestinidade à legalidade com amplo apoio popular e com uma organização aguerrida e eficiente do ponto de vista eleitoral.

Encerrada a guerra, derrubado Vargas, eleito e empossado um governo de viés nitidamente conservador (Dutra), o PCB insistiu, todavia, em manter a mesmíssima linha política, transformando o que era um acerto tático num desvio estratégico de proporções desastrosas. A política de união nacional, traduzida para as massas em expressões como “apertar a barriga” (Prestes) ou “apertar os cintos” – portanto, conter reivindicações salariais em nome do “progresso” – ou ainda “ordem e tranquilidade”, transmutou-se em mera colaboração de classes com a burguesia.

Tratava-se, para o PCB, de fortalecer a burguesia para desenvolver o capitalismo; a revolução viria numa etapa posterior; o *nacionalismo* do partido passou a preponderar sobre o compromisso com a luta de classes. O PCB “tornou-se um grupo de pressão comprometido com a tarefa de radicalizar a burguesia contra o imperialismo norte-americano”⁴⁹. Nesse contexto, não poucas greves passaram a ser entendidas como “provocações”. Havia em determinados casos orgulho e jactância por breçar as paralisações, como quando o Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT) conseguiu fazer “gorar” a greve da *Light* no Rio de Janeiro, em novembro de 1945:

Telegramas procedentes da capital federal noticiaram ontem que, graças à ação do Movimento Unificador dos Trabalhadores, foi abortado um movimento grevista que deveria ser declarado na *Light*. Esta não é a primeira vez que o MUT, empenhado em fazer com que o proletariado constitua de fato uma força ativa para a consolidação da Democracia em nossa Pátria, intervém no sentido de que seja evitado um clima de intranquilidade e de agitações, que facilitaria a atividade de círculos interessados em impedir a marcha normal do País para as eleições livres e honestas⁵⁰.

A aplicação dessa política gerou conflitos nas bases sindicais dos comunistas, e contradições difíceis de explicar, como o apoio dado pelo partido ao governo Dutra mesmo após a cassação em 1947⁵¹.

Como já notou Hélio da Costa, o *Hoje* espelhou a ambiguidade da política do PCB no tocante às greves⁵². Por um lado, o jornal amplifica a orientação de evitar greves: sem tergiversações, o MUT declara-se “contra as greves, pela ordem e pela tranquilidade”⁵³. Por outro lado, *Hoje* abre suas páginas a inúmeras greves, oscila no tratamento dado a elas e, algumas vezes, cede mesmo à pressão dos trabalhadores que comparecem massivamente à redação para tratar do assunto.

As greves ocorridas em três grandes empresas estrangeiras – Light, Goodyear e Companhia City de Santos (City of Santos Improvement Co.) – mal se iniciara o ano de 1946, constituíram experiências privilegiadas da classe trabalhadora em alvoroço, mas aos olhos do PCB e do MUT pareceram pura provocação. Trabalhadores em greve foram acusados até de “integralistas”, como neste título sobre a greve na Goodyear: “Agentes provocadores e integralistas tentaram paralisar os trabalhos e foram impedidos pela atitude ordeira dos operários da grande empresa”⁵⁴.

Hoje chegou mesmo a publicar reportagem de elogio a um grupo de *fura-greves* da Light, por se haverem mantido “fiéis à palavra de ordem: evitar greves, a todo transe”. O jornal não hesitou em estampar o assunto na quarta capa, incluindo uma fotografia, em quatro colunas, dos quatro operários que “evitaram que São Paulo ficasse às escuras”:

Responsáveis pela subestação da rua Riachuelo, não obstante a pressão, mantiveram-se fiéis à palavra de ordem: evitar greves, a todo transe – Quem são os homens aos quais os paulistanos devem o não ter interrompida a energia elétrica durante a greve da Light⁵⁵.

No dia seguinte, o jornal concedeu tratamento inteiramente diverso à greve da City, empresa encarregada do serviço de bondes em Santos: “Esperam os santistas ceda agora a Cia City às justas reivindicações dos seus trabalhadores”, estampou *Hoje*, acrescentando: “Voltaram ontem ao trabalho numa trégua para solução definitiva da greve a que deu motivo a intransigência da empresa empregadora”. Aqui, portanto – ao contrário do juízo emitido quanto ao movimento grevista na Light – as reivindicações mostram-se “justas”, e a empresa demonstrara “intransigência”. Ilustra a reportagem uma fotografia de um grupo de trabalhadores que aguarda, à noite, “nas oficinas de tráfego da empresa o momento de voltarem ao trabalho”⁵⁶. Dois dias antes, o jornal já

publicara matéria informando que o MUT de Santos “trabalha pela solução da greve dos trabalhadores da City”⁵⁷.

Na edição de 5 de janeiro, apenas dois dias após o elogio aos fura-greves, *Hoje* voltou a dar destaque à greve da Light, porém de um modo bem diverso. A principal fotografia da capa, na sua metade superior, sugere que a reviravolta no tratamento pode ter sido provocada pela pressão *in loco* dos trabalhadores: eles aparecem em numeroso grupo na redação, dando declarações a um repórter. A manchete principal, no alto da página – em caixa alta e dentro de um quadro – toma partido, claramente: “A Light desafia os trabalhadores”. “Motorneiros e condutores afastados do serviço”, informa o título sob a fotografia. O “abre” da reportagem procura conciliar a movimentação dos trabalhadores com a palavra de ordem do PCB:

Vinte e seis condutores e motorneiros suspensos – o “polvo canadense” continua a fazer provocações – Interessada num clima de desordens e agitações – Os trabalhadores mantêm uma atitude firme – O abono virá – Importante proclamação – Ordem e tranquilidade, a palavra de ordem dos operários da empresa.

A preocupação de justificar, de explicar, de buscar razões que levaram os trabalhadores a fazer o que fizeram – entrar em greve, “último recurso” – aparecerá também no texto, na forma de uma espécie de preâmbulo:

Continua em foco a última greve dos trabalhadores da Light. Esta empresa, numa atitude de franca e aberta provocação contra os trabalhadores, principalmente condutores e motorneiros, está suspendendo injustificadamente seus funcionários.

Todo o mundo conhece o que é, nos dias de hoje, a vida de um assalariado. Vida de sacrifícios, de miséria, de penúrias, diante da alta dos preços. Todo o mundo sabe que os trabalhadores, com o que ganham, não podem manter um nível razoável de vida, pois o dinheiro está desvalorizado e com 800 ou mil cruzeiros mensais não é possível alimentar-se, vestir-se, manter os filhos na escola, comprar remédios, pagar aluguéis de casa, divertir-se de vez em quando etc.

Pois bem. Mesmo assim, o proletariado compreende, graças ao intenso trabalho de politização e esclarecimento do Partido Comunista do Brasil e do Movimento Unificador dos Trabalhadores, que as greves, as agitações, as desordens, não são recomendáveis, neste momento, para a conquista de suas reivindicações. Somente como último recurso é que certos setores da classe operária apelam para a greve, a fim de defender suas mínimas conquistas. As associações de classe dos trabalhadores, porém, e o Partido Comunista

indicam sempre o recurso da organização de comissões para entendimentos, indicam o Sindicato, indicam as autoridades do Departamento do Trabalho etc. para solucionar suas questões⁵⁸.

O texto é todo ele marcado pela editorialização: o noticiário sobre o desenrolar do movimento dos trabalhadores é, dessa forma, devidamente *enquadrado* pela ótica vigente então no PCB, do qual, não resta dúvida, neste momento o jornal se faz porta-voz:

A greve dos trabalhadores da Light, *desfechada precipitadamente sem antes serem utilizados os caminhos normais*, foi, como se sabe, solucionada graças à intervenção da Comissão Pró-Aumento de Salários dos Empregados da Light e do Setor Profissional do MUT, apesar das afirmações contrárias dos reacionários e inimigos do povo. E se todos voltaram ao trabalho, normalizando a situação, foi porque o MUT, indicando o caminho da ordem, obteve, juntamente com os trabalhadores em greve, a promessa formal, da parte das autoridades do governo do Estado, particularmente do sr. Interventor, de que o abono lhes seria concedido⁵⁹ (grifos nossos).

Independentemente da vontade do partido, ou dos critérios arbitrários que os dirigentes do MUT utilizavam ou para redimir uma greve ou para atirá-la à infernal fogueira das “provocações”, independentemente de tudo isso a classe trabalhadora prosseguia em luta: *Hoje* fez a crônica desse momento. A edição de 5 de janeiro de 1946 é notável: em época na qual, em razão dos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, a cobertura dos acontecimentos internacionais é intensa em todos os jornais, inclusive no próprio *Hoje*, o movimento operário efervescente simplesmente relegou a segundo plano o noticiário internacional da primeira e da quarta capas.

Noticiava-se com destaque nesta edição, na quarta capa, a greve que parou milhares de trabalhadores da indústria de fiação e tecelagem, que buscavam conquistar o chamado abono de fim de ano. Uma comissão de trabalhadores da Fiação e Tecelagem Saad visitou o jornal, que concedeu tratamento simpático à greve, fazendo questão de explicar, porém, que ela não era “obra dos comunistas”⁶⁰:

Uma comissão de operários da Fiação e Tecelagem Saad S/A, estabelecida à rua Sorocabanos 517, esteve em nossa redação, a fim de nos comunicar que entraram em greve pacífica em sinal de protesto, e, também, em defesa dos seus direitos, pelo ínfimo abono de ano bom concedido por aquela indústria aos mil e tantos trabalhadores que compõe[m] o seu quadro de empregados.

As consciências menos esclarecidas, e as de má fé, dirão: “Isso é obra dos comunistas. Cadeia para os comunistas e violências policiais para os grevistas”. Entretanto, se as consciências menos esclarecidas – não nos referimos às de má fé, porque estas têm o máximo interesse na supressão das liberdades públicas – soubessem o quanto o Partido Comunista tem desenvolvido de esforços na solução ordeira desses problemas ocasionados pela crise econômica, não pensariam assim. Dariam carradas de razão às diretrizes traçadas pelo Partido e pelo Movimento Unificador dos Trabalhadores⁶¹.

A greve é, desse modo, reduzida a “problema ocasionado pela crise econômica”. Este texto é bem típico dos publicados pelo *Hoje*, mesclando características de artigo opinativo com outras próprias de uma reportagem. Primeiro se trata de balizar o assunto, enquadrá-lo nos moldes definidos pelo partido. Só depois é que aparecem os personagens de carne e osso. Assim, após afirmar que a “causa real desse surto grevista, que se estende por todo o país, de norte a sul, está na desvalorização do nosso dinheiro”, bem como na “política econômica adotada até aqui pelas sucessivas oligarquias que têm governado o Brasil”, o texto finalmente desce a alguns detalhes da greve:

A diretoria da fábrica concordou em conceder o abono, mas esse não satisfaz a totalidade dos operários. Que fazer com 200 cruzeiros, se um par de sapatos custa 300; um terno de roupa mais de mil e assim por diante. O que esses operários ganham mal dá para manter a si e às suas famílias. Alegam os grevistas que não procede a afirmação dos diretores de que tiveram prejuízo. E os gordos dividendos? E a construção de casas para aluguel? E outras provas visíveis de que essa desculpa não é cabível?

“O pior – disse-nos um deles – é que um dos diretores tentou subornar um dos grevistas, para que abortasse o movimento, sendo imediatamente repelida tal proposta reacionária. Aplaudimos o gesto do nosso companheiro. Unidos venceremos. Estaremos unidos até a vitória final”.

O texto encerra-se com a informação benevolente, à moda de armistício e atribuída aos “visitantes” do jornal (a comissão de trabalhadores), de que “segunda-feira próxima irão ao Palácio, com a finalidade de solicitar do Interventor seus bons ofícios junto aos dirigentes da fábrica, para que sejam atendidos em suas justas pretensões”.⁶²

Bem diferente é a matéria publicada na quarta capa, que aborda as greves ocorridas em outras fábricas do setor têxtil. Trata-se de um texto mais próximo do que se convencionou chamar de reportagem. Embora prenda-se a uma única fonte, o presidente do sindicato dos trabalhadores, o texto é rico

em informações sobre o movimento grevista. Quase não há editorialização ou opinião: a exceção mais óbvia é a crítica ao secretário de Segurança Pública:

Trabalhadores de diversas fábricas de fiação e tecelagem desta capital declararam-se em greve, há dois ou três dias, em virtude das negativas das diretorias das fábricas em que trabalham de conceder o abono de fim de ano por eles pleiteado. As firmas, cujos operários deixaram o trabalho, iniciando assim uma greve pacífica de protesto contra a não concessão desse abono, são as seguintes: “Fábrica de Lonas Ltda”, “Fiação de Tecelagem de Juta S.A.” (Fábrica São Luis) “Companhia Industrial de Juta” (Fábrica São José), ambas no Ipiranga; “Companhia Brasileira de Linhas para Coser” e outras.

Nesta última a greve foi solucionada, tendo já alcançado êxito a intervenção do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem que, aliás, tem acompanhado de perto estas greves, havendo entrado em entendimentos com os patrões das diversas fábricas para a solução do movimento. No que diz respeito ao surto verificado na “Companhia Brasileira de Linhas”, ficou acertado que os trabalhadores receberiam trezentos cruzeiros (para os maiores de 18 anos) e para os menores de 18 anos seria dado um abono de cento e cinquenta cruzeiros. Além disso, todos eles passariam a ter um aumento de 10% no salário a partir de 16 de janeiro.

NÃO QUEREM DAR O ABONO

Quanto à greve da Fábrica São José, e que ainda perdura, a reivindicação dos trabalhadores é, além do abono – que não estipularam, deixando a cargo da direção determinar sua importância – um aumento de ordenado, conforme nos esclareceu o sr. Domingos Mano, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem, que tem estado em permanente contato com todas as fábricas em que a greve foi declarada.

Acrescentou o nosso informante que a direção da referida fábrica, quando de sua visita como mediador na questão, mostrou-se intransigente, afirmando que prefere ficar com a fábrica parada a conceder o abono. E tampouco dará o aumento. Alega, para isso, que a juta, artigo com que trabalha a fábrica, é controlada pela Coordenação da Mobilização Econômica⁶³, o que não lhe oferece um lucro nas mesmas proporções que o verificado com outras indústrias de tecidos, que não são controladas por aquele órgão federal. [...]

SÓ A BONIFICAÇÃO

Os trabalhadores da “Fábrica São Luis” só pretendem o abono de fim de ano. Não fazem como os da outra fábrica, que afirmam que já que a bonificação de fim de ano não pode ser dada por lei, desejam, então, aumento de salário. Estes últimos ficam em casa, esperando unicamente a gratificação. Mas a gratificação não vai sair, conforme responderam os diretores desta fábrica ao

presidente do sindicato de classe. Os operários da “Fábrica São José” desejam um reajustamento de ordenados, pois são pagos à razão de dezoito a vinte cruzeiros por peças que produzem: desejam nivelar os ganhos. Além disso, os operários destas duas fábricas de juta, quando procuraram a gerência para reivindicar o abono, foram mal tratados e até expulsos. Enquanto não sair a gratificação eles não pretendem voltar ao trabalho – e a direção afirma que a gratificação não sairá. Teremos, então, fábricas paradas, como tudo faz crer.

TRABALHADORES PRESOS

Na greve da “Fábrica de Lonas Ltda.”, à rua Henrique Dias 83, a polícia interferiu, prendendo numerosos trabalhadores que deixavam o serviço. Não se compreende que o secretário da Segurança Pública consinta em que os grevistas fossem encarcerados por reivindicarem o que julgam de direito, pelos meios que a democracia lhes lega, como a greve, por exemplo.

Com a ação do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem, os operários foram soltos, com exceção de um, Gregório da Silva, que, não se sabe porque, ainda continua preso.

Nessa firma, uma parte dos trabalhadores já está trabalhando, não se sabe se por imposição da polícia ou se por promessa de serem atendidos no pedido do abono, que até hoje, dia 5, ainda não apareceu.

OUTRAS GREVES

Na “Fábrica de Rendas Alexandre Davi”, à rua Cipriano Barata, no Ipiranga, os operários pediram, além do abono, um aumento de vinte por cento. O Sindicato estava tratando do caso e os patrões ofereceram dez por cento. Ficaram, patrões e operários, de estudar as propostas e contrapropostas⁶⁴.

O noticiário da greve dos têxteis incluiu, ainda, um editorial que ataca duramente os empresários do setor – o que em certa medida discrepa da linha de conciliação de classes então pregada pelo PCB. Significativamente intitulado “Manobras reacionárias contra o povo”, esse texto comenta uma reunião que teria ocorrido na sede do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem, na qual

[...] elementos de grande destaque dessa organização patronal teriam proposto a todos os seus colegas que resistissem com todas as suas forças às reivindicações dos operários com referência a aumento de salário. Na mesma ocasião teria ficado bem claro que as chamadas “classes produtoras” – quer dizer, os homens dos lucros extraordinários – não devem contar no momento senão com um forte apoio do aparelhamento de reação policial, uma vez que, segundo eles, o ministro do Trabalho não se tem manifestado muito disposto a apoiar as pretensões patronais. Por outro lado, os patrões mais reacionários prometeram empreender uma campanha visando impedir a realização

do Congresso Sindical do Estado de São Paulo, cujo início está marcado para o dia 9 deste mês, sob o pretexto de que o momento não é oportuno para a concentração proletária desse vulto. Evidentemente, não poderá passar sem os mais enérgicos protestos o estabelecimento de medidas tão reacionárias como as que acima referimos⁶⁵.

“A situação da indústria de tecelagem é excepcional”, argumenta o jornal. “Foram os homens que mais ganharam no Brasil, durante a guerra, em proporções jamais alcançadas em nossa história econômica”, acrescenta, lembrando que os contratos celebrados após a guerra com a UNRRA (Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas – United Nations Relief and Rehabilitation Administration)⁶⁶ e com países europeus “garantem, ainda, a produção de tecidos e roupas em proporções elevadas, deixando margens superiores aos lucros verificados antes de 1939”:

Assim, dando apenas um ou dois aumentos mais ou menos sofríveis durante os seis anos de guerra, garantidos, ademais, por leis de exceção que obrigavam os operários a permanecer nas fábricas, esses industriais contam com mão de obra remunerada com salários não satisfatórios, se lembrarmos, por exemplo, que somente os fabricantes de casimiras abaixaram agora 10 por cento nos preços de seus produtos – obrigados por lei – e que os chamados “tecidos populares” jamais eram encontrados pelo povo. E os operários são os primeiros consumidores dos artigos dos seus patrões.⁶⁷

Em conclusão: admirável experiência

A preocupação do Partido Comunista do Brasil (então PCB) em combater a hegemonia burguesa no âmbito das realizações culturais e da comunicação social materializou-se num aparato de imprensa que colheu significativos êxitos nos campos político e cultural. Antonio Rubim já chamara a atenção para a importância política e social da “ampla rede de jornais e revistas” montada pelo PCB, bem como para a novidade representada pela criação da agência noticiosa Interpress.⁶⁸

O presente trabalho procurou demonstrar que um dos mais importantes jornais dessa rede, o diário *Hoje*, constitui-se como aparelho privado de hegemonia e torna-se – mesmo assediado permanentemente pela repressão política – uma notável experiência de contra-hegemonia. No Brasil dos anos 1940, a sociedade civil é complexa o bastante, isto é: suficientemente “ocidentalizada”, comportando toda uma variedade de aparelhos privados de hegemonia (APHs), capazes de produzir e difundir ideologias: não só a Igreja,

que se desvinculara do Estado décadas antes, mas instituições outras como os partidos políticos, os jornais (vários criados no século XIX), as entidades corporativas ou assemelhadas como a OAB e a ABI, as organizações criadas pela burguesia industrial, como a Fiesp, o Senai e o Sesi, os sindicatos de trabalhadores etc. É nesse contexto que *Hoje* se movimenta, com relativo sucesso.

Obviamente, o profundo vínculo com o PCB condicionou a existência do jornal. Esse vínculo manifestava-se tanto na orientação editorial (conteúdo, forma e linguagem dos textos publicados) como na composição das suas equipes de jornalistas e gráficos, a maioria dos quais era de profissionais⁶⁹ – ao menos na fase inicial – porém ligados ao partido por convicções políticas e por uma trajetória de militância.

Hoje acompanhou as variações da linha política do partido, à direita e à esquerda. Assim, nos primeiros anos de vida, entre outubro de 1945 e fins de 1947, defendeu a linha de união nacional com Vargas, e depois com Dutra. Entre 1948 e 1952, no entanto – tendo já o PCB passado pela dolorosa experiência da cassação do registro legal e dos mandatos de seus parlamentares – o jornal inclinou-se para uma radicalização política, vista por contemporâneos como sectária, consoante com a letra e o espírito dos manifestos de janeiro de 1948 (“Manifesto de Abril”) e de agosto de 1950 (“Manifesto de Agosto”).

Convencida de que a união nacional era indispensável à democracia mesmo após o final da Segunda Guerra Mundial; de que era preciso apoiar a burguesia nacional para com isso desenvolver o capitalismo; e de que só uma política de “ordem e tranquilidade” poderia assegurar tais condições, e provar às elites do país o compromisso dos comunistas com a “solução ordeira e pacífica” dos problemas brasileiros, nos anos de 1945 e 1946 a direção do PCB enveredou pela senda da colaboração de classes e do nacionalismo puro e simples ao recomendar à classe operária que se abstivesse de promover greves e de provocar “desordens”.

Essa orientação foi seguida pelo *Hoje*, porém de forma contraditória à medida que o jornal, situado no epicentro da movimentação operária, recebia as pressões dos próprios trabalhadores em greve. Aos poucos, a presença das greves avoluma-se nas páginas do diário comunista. O jornal mostrou-se assim permeável à influência da classe operária, em momento de ascenso desta, que buscava recuperar os direitos e o poder aquisitivo perdidos durante a guerra.

Interessado em implantar medidas econômicas que desmontassem os aspectos nacionalizantes da política de Vargas, e abrir a economia do país ao capital estrangeiro, Dutra mostra sintonia com as reivindicações dos industriais, alarmados com a crescente mobilização dos operários. Seu decreto antigreve, que atropela a Assembleia Nacional Constituinte, é de março de

1946. A partir daí serão tomadas medidas cada vez mais duras contra trabalhadores, sindicatos e o PCB. É nesse contexto que se situa a repressão violenta ao *Hoje* e às demais publicações comunistas, como a *Tribuna Popular*, a *Folha do Povo*, *O Momento*, a *Tribuna Gaúcha*. Esses APHs tentam sobreviver, assim, em condições adversas: o regime exerce o terrorismo de Estado, prefere a coerção ao exercício de hegemonia sobre a sociedade.

A pesquisa atestou que o desempenho propriamente jornalístico de *Hoje* não ficou a dever (ao menos na fase inicial, na qual se concentrou este estudo) aos diários com os quais concorria. Mostrou competência técnica na maior parte dos quesitos que constituem um jornal: qualidade do papel; variedade temática da cobertura noticiosa; textos, títulos, imagens (fotografias, ilustrações); características de composição e impressão. De fato, *Hoje* só se situa em clara situação de inferioridade na comparação com a quantidade de páginas editoriais e o volume de publicidade dos concorrentes. Mesmo assim, devem ser destacados os resultados obtidos pelo diário na venda de publicidade⁷⁰.

O jornal demonstrou pragmatismo tanto em relação ao tipo de anunciantes quanto ao local de publicação dos anúncios nas suas edições, por exemplo, com certa frequência publicou anúncios de cigarros na capa do jornal⁷¹. *Hoje* procurou, assim, viabilizar aquela que parecia ser, já naquela época, a maior fonte de receitas de um jornal. Os principais fatores de frustração desse objetivo não eram de natureza comercial, mas política: as seguidas proibições e apreensões, que interrompiam a circulação do jornal fazendo cair os índices de venda e leitura; as pressões sobre empresas dispostas a colaborar com o jornal, documentadas na pesquisa; e o próprio fato de que *Hoje*, por sua temática e orientação editorial, colocava-se num campo antagônico ao dos potenciais anunciantes.

A ousada iniciativa comunicacional do PCB nas décadas de 1940 e 1950, liderada por seus jornais diários, não encontrará paralelo nas décadas posteriores, nem dentro do partido nem fora dele. No início da década de 1960, apesar do ascenso do movimento de massas, o PCB – que se torna, então, Partido Comunista Brasileiro – não se mostra disposto ou não procura reconstruir o antigo aparato de comunicação de massa. Depois do golpe militar de 1964, sofrerá um processo de fragmentação interna e crescente desgaste. O surgimento, em 1967, da Dissidência Comunista, que dará origem à Ação Libertadora Nacional (ALN) de Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, e de outros grupos menores, enfraquece o “Partidão”.

Por outro lado, a Ditadura Militar decidiu não poupar o PCB, apesar da opção do partido pela linha do trabalho de massas, e não pela luta armada. Nos anos 1974-75, a repressão política torturou e executou cruelmente alguns dos mais experientes quadros do PCB, liquidando metade de sua direção nacional.

Os jornalistas profissionais ligados ao partido, ainda que atuassem legalmente, foram um dos alvos da chamada “Operação Jacarta”, que resultou no assassinato de Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo.

No ambiente de Terrorismo de Estado, nem mesmo a imprensa comercial, burguesa, gozava de liberdade total, portanto, os agrupamentos partidários de esquerda se limitavam a produzir e fazer circular, a duras penas, suas publicações clandestinas, de circulação restrita. Ao mesmo tempo, surgiu uma criativa e vigorosa imprensa contra-hegemônica, a “imprensa alternativa”, constituída por periódicos que rapidamente se tornaram uma referência de oposição ao regime militar (e foram por ele perseguidos). Semanários como *O Pasquim*, que chegou a vender 300 mil exemplares por edição, *Opinião* e *Movimento* e mensários como *Coojornal* marcaram época.

Após a anistia de 1979, o PCB encontra-se avariado. No exílio, sua direção inclina-se cada vez mais a uma composição com setores da ditadura militar. Resultam em fracasso as tentativas de reunificação interna. Prestes constitui um polo à esquerda e rompe com o partido. O PCB ainda consegue lançar candidato próprio à eleição presidencial de 1989, mas em seguida a ala mais à direita prevalece e acaba dissolvendo a legenda para criar o Partido Popular Socialista (PPS), uma contrafacção do antigo “Partidão”. Por fim, grupos à esquerda conseguem refundar o PCB, cujo peso político atual é relativamente pequeno.

Nesse mesmo período, ou seja: a partir da década de 1980, o Partido dos Trabalhadores (PT) torna-se o agrupamento hegemônico da esquerda brasileira. Ao longo de décadas, acumula força social, política e institucional inédita, conquistando sucessivamente prefeituras de capitais, governos estaduais, numerosas bancadas parlamentares e a Presidência da República. Contudo, diferentemente do antigo PCB, o PT jamais se preocupou em montar um complexo próprio de comunicação de massa, à altura do papel que passou a desempenhar na sociedade e nas instituições de Estado.

Obviamente, o panorama tecnológico das mídias de massa mudou muito desde a época dos jornais diários do PCB. O rádio, que já possuía grande influência, hoje a amplia por meio de grandes redes. A TV, surgida no final dos anos 1950, consolidou-se durante a ditadura militar e chegou aos anos 1980 e 1990 como a mídia eletrônica de massas por excelência, com enorme poder de forjar consensos e ditar a agenda política. A internet, e as variadas mídias digitais que comporta, “explodiram” nas últimas décadas do milênio e chegaram ao século XXI parecendo rivalizar com a TV no seu alcance. As mídias impressas, embora também tenham se beneficiado de avanços tecnológicos (como os incorporados à indústria gráfica, mas não só), entraram em declínio, reduzindo tiragens. Porém, ainda exercem forte influência político-ideológica, inclusive sobre os demais meios, com os quais intercambiam conteúdos.

O PT experimentou, de diferentes modos, a maioria dessas mídias, mas, por razões que não cabe aprofundar aqui, preferiu não construir um sistema próprio de meios permanentes de comunicação, de grande alcance, nem voltados para seus filiados e apoiadores nem dirigidos à sociedade.⁷² Portanto, ao menos por enquanto, a “experiência midiática” do antigo PCB continua singular no Brasil.

RESUMO

A preocupação do Partido Comunista do Brasil (então PCB) em combater a hegemonia burguesa materializou-se num aparato de imprensa que colheu significativos êxitos nos campos político e cultural. O presente trabalho procurou demonstrar que um dos mais importantes jornais dessa rede, o diário *Hoje*, constitui-se como aparelho privado de hegemonia e torna-se uma notável experiência de contra-hegemonia. *Hoje* acompanhou as variações da linha política do partido, à direita e à esquerda, porém de forma contraditória à medida que o jornal, situado no epicentro da movimentação operária, recebia também as pressões dos próprios trabalhadores. A ousada iniciativa comunicacional do PCB nas décadas de 1940 e 1950, liderada por seus jornais diários, não encontrará paralelo nas décadas posteriores, nem dentro do partido nem fora dele.

PALAVRAS-CHAVE

Jornal *Hoje* (1945-1952); Partido Comunista do Brasil (PCB); imprensa e movimento operário; hegemonia e contra-hegemonia; comunicação e cultura.

On the pages of Hoje: the PCB daily newspaper and its anti-hegemonic nature

ABSTRACT

The necessity for the PCB (Partido Comunista do Brasil, or Brazil's Communist Party) to fight the hegemonic bourgeoisie materialized in a printed publication that collected significant merits in the political and cultural fields. The present work sought to demonstrate that one of the most important newspapers in this network, *Hoje*, is laid as a private asset of hegemony that also becomes a remarkable anti-hegemonic experience. *Hoje* has followed the many variations in political tone that the party has undergone, to the right and left wings, however in a contradictory manner as long as the journal, situated in the epicenter of the labor movements, also received pressure from the workers themselves. PCB's bold communicational initiative, around the decades of 1940 and 1950, led by their daily newspapers, will not be paralleled in the following decades, inside or outside of the party.

KEYWORDS

Hoje Newspaper (1945-1952); Brazil's Communist Party (PCB); press and labor movements; hegemony and anti-hegemony; communication and culture.

1. Este artigo é um resumo, com as devidas adaptações e atualizações, da tese de doutorado *Comunicação, cultura de esquerda e contra-hegemonia: o jornal Hoje (1945-1952)*, defendida pelo autor na ECA-USP em 2006, sob orientação do professor Celso Frederico.
2. O autor é jornalista profissional, mestre em História (Unesp) e doutor em Ciências da Comunicação (USP). Na década de 1980, atuou nos jornais alternativos *Nanico* e *Resistência*, ambos de Belém (PA). Editor da *Revista Adusp*, da Associação dos Docentes da USP, e colaborador do jornal *Página 13*. Contato do autor: pedro.pomar@gmail.com
3. FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci (20 Anos de Clandestinidade)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988, p. 267.
4. Na década de 1940, circulavam 14 diários na capital paulista. Os principais jornais comerciais eram o *Estado de S. Paulo* (o de maior tiragem: 110 mil exemplares), os *Diários*, as *Folhas*, *Gazeta*, *A Noite* e *A Hora*.
5. POMAR, Pedro E.R. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. *Lutas Sociais*, n. 19/20, 2008, p. 80.
6. Além das citadas: Recife (*Folha do Povo*), Fortaleza (*O Democrata*), Goiânia (*O Estado de Goiás*), Vitória (*Folha Capixaba*) e Porto Alegre (*Tribuna Gaúcha*).
7. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. *Lutas Sociais* 19/20 (2008), p. 89.
8. Relatório de 25/7/1946 do investigador Geraldo Lucchetti. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj).
9. Relatório de 15/8/1946, do inspetor Silva Jr., assinado pelo detetive Felipe Gleichman. O policial salientou que na *Tribuna* também se encontravam Cayres de Brito, Osvaldo Pacheco, Agildo Barata e Aydano do Couto Ferraz. Aperj.
10. CHAVES NETO, Elias. *Minha vida e as lutas de meu tempo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977, p. 94.
11. *Diário da Noite*, 28/12/1950. Receberam a polícia à bala nas oficinas do jornal *Hoje/Condenados* a um ano de detenção um ex-deputado, o diretor do jornal e um jornalista. Também *A Gazeta*, 28/12/1950.
12. Processo instaurado pelo Ministério da Guerra e pela Auditoria da 2ª RM. 30Z74 (4) 421- 560 f. 147, cópias.
13. Depoimento concedido ao Autor, 2004.
14. CHAVES NETO, Elias. *Op. Cit.*, p. 114.
15. DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.). *Revolução impressa: a imprensa na França 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 15.
16. COUTINHO, Carlos N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 125.

17. *Hoje*, 17/11/1945, p. 1. Yedo Fiuza – candidato do povo.
18. *Hoje*, 25/11/1945, p. 5. Yedo Fiuza é um verdadeiro amigo dos trabalhadores.
19. *Hoje*, 25/11/1945, p. 6. O povo sabe atender com presteza aos apelos de seu líder. (O título sugere um trocadilho de gosto duvidoso.)
20. *Hoje*, 28/11/1945, p. 8. Candidatos do Povo.
21. *Hoje*, 6/1/1947, p. 1. Adhemar de Barros é o candidato do PCB ao governo do Estado.
22. *Hoje*, 7/1/1947, p. 1. O Partido Comunista não faz conchavos.
23. *Hoje*, 7/1/1947. Caíram em desespero as forças reacionárias.
24. *Hoje*, 8/1/1947, p. 5.
25. *Hoje*, 15/1/1947, p. 5. Vá ouvir Adhemar de Barros, o candidato que não faz “cambalachos”...
26. *Hoje*, 16/1/1947, p. 1. Mais de meio milhão no comício União para a Democracia.
27. *Hoje*, 3/1/1947, p. 1. Salve Cavaleiro da Esperança/Prestes faz anos hoje.
28. *Hoje*, 17/1/1947, p. 1.
29. *Hoje*, 18/1/1947, p. 1. São Paulo nas urnas com Prestes e Adhemar unidos para o progresso e a democracia. Ver também editorial de capa: A aliança da vitória.
30. *Hoje*, 8/1/1947, p. 1. A História do ‘seu’ Belarmino...
31. *Hoje*, 8/1/1947.
32. *Ibidem*.
33. *Hoje*, 22/1/1947, p. 6.
34. *Hoje*, 7/10/1946.
35. *Hoje*, 2/10/1946, p. 8.
36. *Hoje*, 12/10/1946, p. 8.
37. *Hoje*, 2/10/1946, p. 8.
38. *Hoje*, 12/10/1946, p. 8.
39. *Hoje*, 17/10/1946, p. 8. Foi tomada de assalto pela polícia a sede do Sindicato dos Tecelões de Sorocaba.
40. *Hoje*, 21/10/1946, p. 1. Os operários da Goodyear paralisaram o trabalho para participar de uma assembléia do Sindicato.
41. *Hoje*, 1/10/1946, p. 1. Os tubarões são donos de poderosa rede...
42. *Hoje*, 2/8/1947, p. 8.
43. *Hoje*, 2/10/1946, p. 1.
44. *Hoje*, 2/10/1946, p. 8.

45. *Hoje*, 1/10/1946.
46. *Hoje*, 13/10/1946, p. 8.
47. *Ibidem*.
48. *Hoje*, 28/10/1946, p. 5. Dois civilizados “apatacados” roubam as terras dos índios do Bananal.
49. CHILCOTE, Ronald H. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 307.
50. *Hoje*, 1/11/1945, p. 4. A intervenção do MUT faz gorar uma greve da Light, no Rio de Janeiro.
51. POMAR, Pedro Estevam da Rocha. *A Democracia intolerante*. Dutra, Adhemar e a repressão ao Partido Comunista (1946-1950). São Paulo; Arquivo do Estado, 2002, p. 89.
52. COSTA, Hélio da. *Em busca da memória – Comissão de Fábrica, Partido e Sindicato no Pós-Guerra*. São Paulo: Scritta, 1995, p. 8.
53. *Hoje*, 28/11/1945, chamada de capa. Vale conhecer a opinião crítica de um importante membro da redação do *Hoje* sobre o papel do MUT às vésperas da greve da Fábrica Calfat: CHAVES NETO, Elias. *Op. Cit.*, p. 88.
54. *Hoje*, 2/1/1946, p. 8. A “Célula Brasil” evitou uma greve na Goodyear [sic].
55. *Hoje*, 3/1/1946, p. 12. Evitaram que São Paulo ficasse às escuras.
56. *Hoje*, 4/1/1946, p. 12.
57. *Hoje*, 2/1/1946, p. 12.
58. *Hoje*, 5/1/1946, p. 1. Motorneiros e condutores afastados do serviço.
59. *Ibidem*.
60. *Hoje*, 5/1/1946, p. 5. Estão em greve os operários da Fiação e Tecelagem Saad SA. Também foto e texto-legenda na p. 12.
61. *Ibidem*.
62. *Ibidem*.
63. Coordenação da Mobilização Econômica.
64. *Hoje*, 5/1/1946, p. 12. Em greve milhares de trabalhadores na indústria de fiação e tecelagem.
65. *Hoje*, 5/1/1946, p. 12-2. Manobras reacionárias contra o povo.
66. Administração de Assistência e Reabilitação das Nações Unidas (United Nations Relief and Rehabilitation Administration).
67. *Hoje*, 5/1/1946, p. 12 e 2. Manobras reacionárias contra o povo.
68. RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Partido Comunista: cultura e política cultural*.

Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1986, p. 50.

69. Para um entendimento contrário, ver: CHAVES NETO, Elias. *Op. Cit.*, p. 87.

70. Montamos uma semana composta, ou semana montada, com o intuito de identificar regularidades em determinados aspectos do *Hoje*. A semana compreendeu as seguintes datas: 1/11/1945, quinta-feira (primeira edição disponível na coleção do Arquivo do Estado de São Paulo); 9/11/1945, sexta-feira; 17/11/1945, sábado; 25/11/1945, domingo; 5/1/1946, sábado; 14/1/1946, domingo. (O planejamento inicial incluía as edições de 4/12/1945, terça; 12/12/1945, quarta; 20/12/1945, quinta; e 28/12/1945, sexta, perfazendo duas semanas. No entanto, o Arquivo Público do Estado de São Paulo não possui exemplares de dezembro de 1945). O levantamento revelou: número expressivo de reportagens; publicação acentuada de “notícias”, sobretudo de agências noticiosas internacionais; uso relevante de fotografias; baixa utilização de ilustrações; padrão regular de titulação de matérias; cobertura acentuada do movimento operário e sindical, lutas populares, PCB, acontecimentos internacionais, esportes e fatos culturais; publicidade em quantidade e qualidade apreciável, ainda que em volume inferior ao visto nos diários tradicionais.

71. Por exemplo: com certa frequência, publicou anúncios de cigarros na capa do jornal.

72. No artigo *Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil* são esboçadas algumas explicações para este fato. *Lutas Sociais* 19/20 (2008), p. 89.